



A INSERÇÃO DE PORTADORES DE SÍNDROME DE DOWN EM ESCOLAS PÚBLICAS REGULARES E INCLUSIVAS DE SÃO LUIS DE MONTES BELOS-GO, BRASIL: UM ESTUDO DE CASO

Larissa Silveira Silva Farias¹, Aline Helena da Silva Cruz²,
Joana Cristina Neves de Menezes Faria³, Angela Adamski da Silva Reis⁴,
Rodrigo da Silva Santos⁵

1 – Bióloga e Especialista em Tecnologias Aplicadas para o Ensino de Biologia, Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Brasil

2 – Bióloga Geneticista da Universidade de São Paulo (USP); Secretaria da Educação do Estado de Goiás (SEDUC-GO).

3 – Bióloga e Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Campus: Aparecida de Goiânia/GO.

4 – Biomédica e Docente do Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás (UFG).

5 – Biólogo, Orientador e Docente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Aplicadas para o Ensino de Biologia – Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Goiás (UAB/UFG), Goiânia, Brasil.

✉ Contato: rdssantos@gmail.com (Santos, R.S)

Recebido em: 06/05/2013 – Aprovado em: 17/06/2013 – Publicado em: 01/07/2013

RESUMO

A inclusão é um tema que vem sendo debatido ao longo de anos, por isso portadores de necessidades especiais estão conquistando o direito de ter uma educação com qualidade e inclusão na sociedade de forma gradativa, pois no Brasil ainda existe diferenças entre o que são propostas por lei e o que realmente existe nas escolas, onde nem sempre as leis são colocadas em prática. E é pensando nesta idéia que surgiu o presente estudo aliado ao estudo das síndromes genéticas, observando como alunos que apresentam síndrome de Down estavam inseridos em escolas regulares públicas no município de São Luiz de Montes Belos, Goiás-Brasil. Foram realizadas visitas nas escolas, com o objetivo de identificar a presença de estudantes portadores de doenças e síndromes genéticas e foram encontrados somente alguns alunos com síndrome de Down frequentando regularmente essas instituições. Mas são alunos que frequentam salas de aulas regulares, auxiliados por professores de apoio, e que apresentam um desenvolvimento significativo, de acordo com suas limitações.

PALAVRAS- CHAVE: Síndrome de Down, inclusão, escolas regulares.

THE INTEGRATION OF PEOPLE WITH DOWN SYNDROME IN PUBLIC SCHOOLS REGULAR AND INCLUSIVE IN SÃO LUIS DE MONTES BELOS-GO, BRAZIL: A CASE STUDY

ABSTRACT

Inclusion is a topic that has been debated over the years, so people with disabilities are gaining the right to a quality education and inclusion in society gradually, because in Brazil there is still differences between what is proposed by law and what actually exists in schools, where the laws are not always put into practice. And thinking is this idea arose that the present study together with the study of genetic syndromes, observing how students who have Down syndrome were included in regular public schools in the municipality of São Luiz de Montes Belos, Goiás-Brazil. Visits were carried out in schools, with the aim of identifying the presence of students carrying diseases and genetic syndromes and found only a few students with Down syndrome regularly attending these institutions. But are students who attend regular classrooms, aided by support teachers, and that present a significant development, according to its limitations.

KEYWORDS: Down syndrome, inclusion, regular schools.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a sociedade tem verificado que a inclusão de portadores de necessidades especiais em ambiente escolar faz parte de um momento histórico, que vem sendo debatido e implementado pelas escolas de acordo com as leis de forma gradativa. E esse fenômeno de inclusão, que revela as capacidades físicas e intelectuais destes indivíduos, tem gerado frutos para as indústrias, empresas e até concursos públicos, ou seja, para o mercado de trabalho.

Desta forma, os portadores de necessidades especiais lentamente vêm conquistando o direito de acesso em diversos âmbitos da sociedade. O discurso atual refere-se á inclusão que se constituiu como um processo bilateral, neste sentido a sociedade se prepara para receber em seu meio as pessoas com necessidades especiais e ao mesmo tempo estas pessoas se preparam para serem inseridas na sociedade. Entretanto, embora exista um discurso que garante o acesso das pessoas com necessidades especiais, na prática este processo encontra-se em lento desenvolvimento no Brasil (PIRES, 2011).

De acordo com SILVA e colaboradores (2001), o processo de inclusão do portador de necessidades educativas especiais, nas escolas regulares já é uma realidade, tendo o respaldo da Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Os pais desses alunos têm procurado as escolas regulares para que seus filhos frequentem normalmente estas classes, cumprindo a legislação vigente, para que haja necessidade de desenvolvimento social, criando um compromisso de oferecer o máximo de apoio que um estudante precise para obter êxito, compreendendo que estes, tenham as mesmas metas educacionais para que juntos aprendam em classes comuns.

Logo, a interação entre os atores escolares (professor-aluno e aluno-aluno), e destes com o meio, e as relações sócio-afetivas

estabelecidas entre os pares são relevantes para o estabelecimento da aceitação, amizade e também aprendizagem (GAI & NAUJORKS, 2006). Nesse sentido, a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais no contexto do ensino regular vem beneficiar não só o incluído, mas todos que com ele estabelecerem interações. Ou seja, ambos são beneficiados com os processos interativos estabelecidos na sala de aula, haja vista que o propósito da inclusão é proporcionar a todos os alunos um contexto de aceitação da heterogeneidade (MANTOAN & VALENTE, 1998).

Mas quando o aluno com necessidades educacionais especiais chega a escola significa que, a sua aprendizagem deve ocorrer de maneira adequada, e são necessárias adaptações quanto à língua, cultura, identidade, metodologia de ensino e avaliação. Quando a escola e o professor não conhecem o aluno e as suas características, fica difícil lidar com esta situação o que expõe ainda mais a sua deficiência, colocando em evidência as desigualdades educacionais (PIRES, 2011).

As metodologias que envolvem os processos de ensino e aprendizagem utilizados pela escola e pelos docentes precisam ser condizentes com a necessidade de cada aluno, seja ela motora, visual, auditiva, de fala ou menos mentais, independente da causa desta necessidade, que pode ser inclusive de origem genética.

Todas as características genéticas, que são transmitidas dos pais para os filhos, estão presentes nos cromossomos, localizados no núcleo de cada uma das células. De uma maneira geral o ser humano tem 46 cromossomos, organizados em pares, sendo, portanto 23 pares (MANCINI et al., 2003).

Esses cromossomos são responsáveis por armazenar as informações genéticas, que se manifestarão, por exemplo, na cor de pele e de cabelo, facilidades para desenvolver várias atividades, além da predisposição a algumas doenças e assim por diante. Mas, algumas alterações gênicas e cromossômicas são responsáveis, não só pela predisposição a doenças, mas pela manifestação destas doenças e também de síndromes genéticas. As pessoas com Síndrome de Down (SD), por exemplo, têm três cromossomos de número 21. Portanto, a pessoa com síndrome de Down tem 47 cromossomos, sendo um par de cada número e três cromossomos de número 21 (MANCINI et al., 2003). A SD foi descrita pela primeira vez por John L. Down em 1966, que observou através de cariótipo a presença de um cromossomo extra (21), no número de cromossomos total em uma célula, tendo essa síndrome cariótipo 47, XX,+21 ou 47, XY,+21 (TOBO et al., 2009).

O mecanismo genético que leva a trissomia livre é a não disjunção do par de cromossomos 21 durante a gametogênese (meiose) de um dos genitores, resultando num óvulo ou espermatozóide com 24 cromossomos, devido à dissomia (dois cromossomos) do cromossomo 21. Após a fecundação é originado um embrião portador da SD. A não disjunção é mais frequente na mãe, principalmente após os 35 anos de idade. Se um casal teve uma criança com SD devido a trissomia livre, a chance de ter outra é empiricamente estimada em 1%. Mas vale ressaltar que irmãos de portadores da SD não apresentam risco aumentado de terem crianças afetadas (RODINI & SOUZA, 1972).

O fato de ter três cromossomos 21 faz com que a pessoa com SD tenha algumas características físicas, presentes de modo variável entre os trissômicos, além de particularidades cognitivas, graus variáveis de dificuldades de aprendizado, motoras ou de fala (MANCINI et al., 2003). Sendo a característica mais frequente na

SD o atraso mental. Esse fato ocorre porque o desenvolvimento cerebral é deficiente, o que faz com que as habilidades intelectuais do Down tenham sido historicamente subestimadas. Estudos contemporâneos mostram que a maioria dos portadores de SD tem um desempenho na faixa de retardo mental entre leve e moderado. Sendo que, a melhor capacidade cognitiva tem sido atribuída ao mosaicismos cromossômico, além de outros fatores como o conjunto genético do indivíduo e a influência de fatores epigenéticos e ambientais (KOHN et al.,1970).

A influência de fatores epigenéticos e ambientais tornam-se significativos porque, tem-se constatado que crianças portadoras de SD, necessitam de estímulos especiais para desenvolver bem suas capacidades, estímulos estes que devem ser iniciados desde quando as crianças são muito pequenas (estimulação precoce) (CARDOSO, 2003). Nesse sentido, BISSOTO (2005) deixa claro que as pessoas que têm SD apresentam características peculiares de desenvolvimento, mais isso não é uniforme em termos de comportamentos e potencialidades, pois mesmo do ponto de vista genético é preciso lembrar que a pessoa com síndrome de Down também possui 22 outros pares de cromossomos, que lhes conferem um rol de diversidade.

O desenvolvimento motor das crianças com SD também apresenta um atraso significativo que, segundo o autor, vai interferir no desenvolvimento de outros aspectos, pois é por meio da exploração do ambiente que a criança constrói seu conhecimento do mundo, assim seu comportamento exploratório pode apresentar comportamentos repetitivos e estereotipados, sendo impulsivos e desorganizados, dificultando um conhecimento consistente do ambiente e durando menos tempo (SCHWARTZMAN, 2003).

Já a linguagem, segundo SCHWARTZMAN (2003), é a área na qual a criança com SD demonstra, em geral, os maiores atrasos. Apesar dessas dificuldades, a maioria das pessoas com SD fazem uso funcional da linguagem e compreendem as regras utilizadas na conversação, porém as habilidades para a comunicação são bastante variáveis entre elas.

Com base em todas essas dificuldades apresentadas pelos portadores de SD e a busca constante das instituições de ensino por um ensino de qualidade para esses estudantes, o presente trabalho teve como objetivo avaliar a presença de alunos que apresentam doenças ou síndromes genéticas em escolas regulares públicas no município de São Luiz de Montes Belos - Goiás, Brasil e verificar como os docentes titulares em sala de aula (através de relatos de experiência) trabalham com estes alunos, e como está atualmente o processo de inclusão dos mesmos no cotidiano escolar, além de observar como os alunos estão se desenvolvendo diante do ensino que lhe é oferecido.

MATERIAL E METODOS

A pesquisa foi iniciada com a busca de informações em literatura científica sobre o processo de inclusão de alunos portadores de doenças genéticas em instituições de ensino, em seguida, foram realizadas visitas junto às subsecretarias estadual e municipal do município de São Luiz de Montes Belos, Goiás-Brasil. Nas subsecretarias o quadro escolar contendo informações sobre as instituições de ensino foi gentilmente cedido para a presente pesquisa. Após a autorização e consentimento das coordenadoras e diretoras institucionais, estas instituições foram visitadas durante o primeiro semestre do ano de 2011 e utilizadas

na pesquisa. No total foram visitadas 13 instituições de ensino (Quadro 2), sendo 11 municipais e duas estaduais. Foram analisados 2487 (dois mil quatrocentos e oitenta e sete) alunos para a identificação de portadores de doenças genéticas e para coleta de relatos de experiências, apenas os docentes regentes em salas de aulas contendo alunos portadores de doenças genéticas participaram da pesquisa. Com a presença do docente foi realizada a observação do cotidiano desses alunos especiais, durante o processo de ensino-aprendizagem. As observações consideradas relevantes foram registradas com fotografias e anotadas em um diário de bordo, sendo que, as dúvidas a respeito das metodologias de ensino-aprendizagem foram sanadas pelo docente responsável pela turma observada. Ao final das visitas os docentes relataram as maiores dificuldades enfrentadas por eles durante o trabalho com crianças portadoras de SD e o relatório da escola encerrado com resolução dos questionamentos apresentados no Quadro 1.

QUADRO 1: Questionário para registro em diário de bordo.

- 1) Nome de escola.
- 2) Tipos de doenças e síndromes genéticas identificadas
- 3) Como a escola acolhe os portadores de síndromes genéticas? (eles ficam em salas separadas ou junto com os outros alunos)
- 4) Quais as maiores dificuldades encontradas ao se trabalhar com um portador de síndrome?
- 5) Como os professores trabalham com esses alunos? A escola possui professor de apoio?
- 6) Como as crianças dentro de seus limites consegue aprender?, Observa-se desenvolvimento em seu aprendizado?
- 7) E a família, participa do desenvolvimento da criança? Ela ajuda o corpo docente, facilitando a permanência da criança na escola?
- 8) A escola utiliza de material diferenciado para trabalhar com cada aluno? O quê?
- 9) Vocês conhecem as características das síndromes apresentadas pelos alunos?
- 10) O que poderia ser feito para ajudar a escola e os portadores destas síndromes genéticas apresentadas neste ambiente escolar?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho visou pesquisar sobre síndromes genéticas existentes no ambiente escolar do município goiano de São Luiz de Montes Belos, Goiás. Durante a pesquisa, foram identificados vários alunos com necessidades especiais, no entanto, a única síndrome genética encontrada foi a SD. Os demais alunos apesar de possuírem algum tipo de necessidade especial, não eram necessidades caracterizadas como de origem genética, por este motivo, os estudos foram realizados somente com estudantes portadores de SD. Sendo que, ao final das visitas nas instituições de ensino regulares, foram encontrados alunos que apresentam SD somente em três instituições educacionais, duas estaduais, Colégio Estadual Antônio Campos e Centro de Atendimento Educacional Especializado Coronel Luiz Netto, e uma da rede municipal de ensino, Escola Municipal Espaço Ativo Lane Gonçalves Dias. Sendo que nesta escola havia quatro alunos portadores de SD e nas demais, apenas um aluno.

QUADRO 2 - Escolas visitadas na rede de ensino regular estadual e municipal do Município de São Luís de Montes Belos-GO, Brasil.

Escolas visitadas no município	Síndromes genéticas identificadas	Quantidade de alunos nas escolas
Escola Municipal Cristiano Carlos Friaça	Não Houve	300
Educandário Municipal Cristo Redentor	Não Houve	188
Escola Municipal Dom Pedro II	Não Houve	149
Escola Municipal Francisco Antônio dos Santos	Não Houve	344
Escola Municipal São Vicente	Não Houve	217
Escola Municipal IV de Outubro	Não Houve	397
Escola Municipal Professora Joana Sebastiana Dos Santos	Não Houve	255
Escola Municipal Espaço Ativo Lane Gonçalves Dias	Síndrome de Down	210
Escola Municipal de Silvolândia	Não Houve	63
Escola Municipal Alfredo Nascier	Não Houve	43
Escola Municipal de Rosalândia	Não Houve	30
Escola Estadual Antonio Campos	Síndrome de Down	228
Centro de Atendimento Especializado Coronel Luiz Netto	Síndrome de Down	63

Os alunos portadores de SD avaliados estão, dentro de suas limitações, se desenvolvendo e adquirindo conhecimentos, que podem levar para a vida inteira. Eles estão em salas regulares, com professores de apoio, que trabalham de forma individualizada com os alunos, com o auxílio do professor regente. Os docentes de apoio auxiliam os alunos não só no dia a dia das aulas, mas também adaptando os conteúdos à realidade dos mesmos, com o uso de material lúdico e concreto. Para o sucesso desta atividade, as escolas dispõem de estrutura voltada para o ensino inclusivo, a qual também é disponibilizada para auxiliar no ensino dos demais alunos, quando necessário.

Com base na Psicologia da Educação, acredita-se que, por meio do lúdico, a criança pode elaborar anseios e fantasias, aprender a lidar com o ganhar e o perder, aprender a administrar sua angústia, diminuir sua ansiedade diante dos conflitos, de situações complexas e confusas, além de gerar prazer, motivação e experimentação (MOREIRA J.C.C. & SCHWARTZ, 2009).

Com o apoio de psicólogo, que auxilia as escolas, em alguns casos fonoaudiólogo, salas de informática com internet e brinquedos que estimulam o desenvolvimento em todos os aspectos, os alunos apresentam um aprendizado diferenciado. É importante ressaltar que todos estes recursos humanos e físicos também são disponibilizados aos demais os alunos, assim como

os materiais lúdicos, o que auxilia na integração dos estudantes, impedindo que ocorra um preconceito do que é para alunos portadores de necessidades educativas especiais ou não, ou seja, tudo é para todos.

No Centro de atendimento educacional especializado Coronel Luiz Netto, os alunos possuem um tratamento especial e diferenciado: sessões de fisioterapia. Essas sessões são realizadas graças à parceria estabelecida com a Faculdade Montes Belos (FMB). Os graduandos em fisioterapia realizam estágio na escola realizando um trabalho diferenciado com os alunos portadores de SD, ajudando-os no desenvolvimento motor. E o que muitos não percebem é que esta integração com a comunidade escolar e com alunos portadores de SD auxilia na formação dos futuros fisioterapeutas, pois como destacado por FARIAS & SANTOS (2011):

Se considerarmos os obstáculos que afetam em especial a contribuição do fisioterapeuta à saúde da população, a deficiência de cursos para a formação de um novo profissional está entre eles. São poucos os currículos que abrigam disciplinas como introdução à saúde coletiva, fisioterapia preventiva, fisioterapia aplicada à atenção básica à saúde, fisioterapia na saúde da família, fisioterapia em saúde pública, educação e promoção da saúde, inclusão social e epidemiologia. Poucos visam a uma atuação profissional socialmente significativa, com enfoque na necessidade de saúde das pessoas e na dignidade humana.

E é em busca da dignidade destes alunos que o dia a dia deles é complementado com aulas de bordado, jardinagem e teatro, totalmente voltadas para o desenvolvimento dos mesmos, em ambiente escolar e na sociedade em que vivem. De acordo com PIRES, (2011) a escola por ser uma instituição com função social, reproduz o contexto social, político, e ideológico em que o aluno está inserido. Portanto, o desafio da escola é promover uma educação igualitária sem segregar o aluno que chega à escola com uma herança cultural adquirida fora dela. A crise política, social, econômica e ideológica enfrentada pela sociedade contribui para desafiar a escola. De modo que para aceitar e valorizar as diferenças, é necessário superar desafios.

Estudos que avaliam a habilidade dos jovens portadores de SD revelam a necessidade de intervenção nos diversos ambientes em que a pessoas com SD estão inseridas, visando a criação de estímulos para assim promover a independência destas pessoas. Pois, pessoas com SD que estão incluídas no mercado de trabalho apresentam melhora significativa nas habilidades de vida diária, de socialização e de comunicação (GOMES-MACHADO & CHIARI, 2009).

Mas a maior dificuldade encontrada pelos docentes que trabalham com alunos portadores de SD se encontra no apoio familiar, pois nem sempre aquilo que o aluno aprende na escola, os pais dão continuidade em casa o que gera um desenvolvimento mais lento do aluno. Na maioria das vezes, devido às baixas expectativas formadas sobre as crianças com SD, as mesmas são impedidas de construir sua autonomia, tornando-se um objeto para a sociedade e para a família. Suas habilidades e potencialidades são desvalorizadas e ignoradas sendo submetidas ao empobrecimento dos conteúdos e às experiências escolares (MANTELATTO, 2009).

Outro fator relatado pelos docentes é a falta de medicação, pois existem alunos carentes e que nem sempre possuem condições financeiras de manterem de forma constante a medicação necessária. Essa interrupção do tratamento também é

um fator que influencia no desenvolvimento não muito satisfatório das crianças. O que é agravado pelo fato das crianças com SD apresentarem, em decorrência da síndrome, um atraso significativo do desenvolvimento das habilidades simbólicas e funcionais de autocuidado quando comparado ao esperado para a idade cronológica das mesmas (CICILIATO et al., 2010; MARTINS et al., 2013).

Os professores destacaram que, quanto à qualificação do trabalho, eles são capacitados e conhecem as necessidades que os alunos com SD apresentam, mas precisam se qualificar mais, de modo a obter resultados bem mais satisfatórios. Ou seja, sentem necessidade de atualizar os conhecimentos com maior frequência. O maior problema, é que faltam profissionais que queiram dedicar-se ao trabalho com a educação especial de forma geral.

Conforme relatado anteriormente, todas as escolas visitadas e analisadas no município apresentam estrutura física adequada e profissionais preparados para trabalhar com alunos portadores de SD. Dentre todas as escolas regulares, o Centro de Atendimento Educacional Especializado Coronel Luiz Netto é o que apresenta a melhor infraestrutura adaptada para receber os alunos portadores de necessidades especiais, e nas análises do presente trabalho, apresenta as melhores ferramentas pedagógicas (Figura 1) para auxiliar no desenvolvimento cognitivo dos alunos portadores de SD.

Como descrito por PIRES em 2011, o sistema educacional brasileiro está passando por um momento de transição em relação à inclusão escolar, pois existe uma distância entre o ideal, garantido legalmente para uma educação de qualidade para todos e o real que são as condições atuais do sistema escolar. Sabemos que os discursos públicos são envolventes e enganosos e escondem interesses que não são os das práticas inclusivas. Aumentar o número de matrículas para deficientes no ensino fundamental não significa inclusão e nem uma escola de qualidade para todos. A exclusão só será combatida quando as escolas se tornarem aptas para incluir, incondicionalmente, todos os alunos em um único sistema de ensino. Valorizar a diversidade é o primeiro passo para que o processo inclusivo saia do papel e realmente em todos os estados e municípios tenhamos uma verdadeira e qualificada escola para todos



FIGURA 1- (A) Material lúdico e concreto utilizado no desenvolvimento da aprendizagem. (B) Sala de informática do Centro de Atendimento Educacional Especializado Coronel Luiz Netto. (C) e (D) Brinquedos pedagógicos que estimulam o desenvolvimento. (E) Sala de aula do Centro de Atendimento Educacional Especializado Coronel Luiz Netto. (F) Material utilizado nas sessões de fisioterapia.
Fotos: Farias, L.S.S., (2011).

CONCLUSÃO

O processo de inclusão de alunos que apresentam a síndrome de Down está sendo desenvolvido, de acordo com as leis que amparam alunos com necessidades educacionais especiais, nas escolas regulares do município goiano de São Luiz de Montes Belos. Também foi observado que cada portador de SD tem seu ritmo, sua personalidade, oportunidades de vida e convivência, classe social, enfim,

inúmeros fatores que podem contribuir ou não para o desenvolvimento dentro do ambiente escolar. Presenciar na escola este processo acontecer é gratificante, principalmente com parcerias de universidades, uma vez que não são muitas escolas que seguem os padrões exigidos e definidos pelo Ministério da Educação. Porém, em relação a tantas outras escolas no Brasil, o que está sendo desenvolvido no município de São Luis de Montes Belos é uma prova de que é possível oferecer um ensino de ótima qualidade, a todos que apresentam necessidades educacionais especiais.

Portanto, a inclusão já está acontecendo, mas é um trabalho longo onde interferem processos relacionados à sociedade, aos pais, instituições sociais, escolas e professores que precisam de muita preparação para conviver com este novo desafio necessário nos tempos de hoje. O sistema educacional é o maior responsável para promover a inclusão, estimulando seu relacionamento social e incentivando-os a trocarem experiências entre si. Na escola inclusiva a identidade se constrói com a valorização das qualidades de cada um dos estudantes, pois uma escola de qualidade é aquela aberta às diferenças e conseqüentemente, para todas as crianças, onde as mesmas são respeitadas e reconhecidas nas suas diferenças.

AGRADECIMENTOS

Ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE); A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); E a Universidade Aberta do Brasil (UAB). Os autores agradecem também a equipe gestora, docentes e alunos das Secretarias Estadual e Municipal de Educação do município de São Luiz de Montes Belos, Goiás-Brasil, que apoiaram e incentivaram o desenvolvimento deste trabalho em prol do sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BISSOTO, M. L. Desenvolvimento Cognitivo e o Processo de Aprendizagem do Portador de Síndrome de Down: Revendo concepções e perspectivas Educacionais. **Ciências & Cognição**. Ano 02, v. 04, 2005.

CARDOSO, M. H. C. A. Uma produção de significados sobre a síndrome de Down. **Cad. Saúde Pública**, v.19, n.1, 2003.

CICILIATO, M.N.; ZILOTTI, D.C.; MANDRÁ, P.P. Caracterização das habilidades simbólicas de crianças com síndrome de Down. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v.15, n.3, 2010.

FARIA, L. & SANTOS, L.A.C. As profissões de saúde: uma análise crítica do cuidar. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 18, s.1, 2011.

GAI, D. N.; NAUJORKS, M. I. Inclusão: Contribuições da Teoria Sócio-Interacionista à Inclusão Escolar de Pessoas com Deficiência. Centro de Educação, **Revista Eletrônica Educação Especial**, v.31 n.2, 2006.

GOMES-MACHADO, M.L. & CHIARI, B.M. Estudos das habilidades adaptativas desenvolvidas por jovens com Síndrome de Down incluídos e não incluídos no mercado de trabalho. **Saúde e Sociedade**, v.18, n.4, 2009.

KOHN, G., TAYSE, K., ATKNS, T.E, MELLMON, W.J. Mosaic mongolism. Clinical correlations. **J Pediatrics**, v.73, 1970.

MANCINI, M. C.; SILVA, P. C.; GONÇALVES, S. C.; MARTINS, S. de M. Comparação do desempenho funcional de crianças portadoras de síndrome de Down e crianças com desenvolvimento normal aos 2 e 5 anos de idade. **Arquivos Neuro-Psiquiatria**, v.61 n. 2B, 2003.

MANTELATTO. J; **Trajetória escolar de Letícia: uma adolescente com Síndrome de Down**. Dissertação de Mestrado do Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, 2009.

MANTOAN, M. T. E. & VALENTE, J. A. Special education reform in Brazil: an historical analysis of educational policies. In **European Journal of Special Needs Education**, v 13 (1), 1998.

MARTINS, M.R.I.; FECURI, M.A.B.; ARROYO, M.A.; PARISI, M.T. Avaliação das habilidades funcionais e de auto cuidado de indivíduos com síndrome de Down pertencentes a uma oficina terapêutica. **Revista CEFAC**, v.15, n.2, 2013.

MOREIRA J.C.C. & SCHWARTZ, G.M. Conteúdos lúdicos, expressivos e artísticos na educação formal. **Educar em Revista**, n. 33, Curitiba 2009.

PIRES, E. M.; **Aplicação de Libras no Ensino de Biologia**, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás, Módulo 04, pág.31-34, 2011.

RODINI, E. S. de O; SOUZA, A. R. **Síndrome de Down Características e Etiologia**, 1972.

SCHWARTZMAN, J.S. **Síndrome de Down**. 2ºed. São Paulo: Memnon, 2003.

SILVA, D. de O.;CABRAL,G.J.C.F.**O processo de Inserção do Portador de Síndrome de Down na escola inclusiva**. Universidade da Amazônia, Belém –Pará, 2001.

TOBO, A. KHORI, M.E. MOURÃO, M.A. Diagnóstico da Instabilidade atlantoaxial na: Síndrome de Down - revisão de literatura, **Acta Fisiátrica**, 16(3), 2009.